

Vol. 7, Issue 5, Feb 2018

ISSN 2249-894X

REVIEW OF RESEARCH

An International Multidisciplinary Peer Reviewed & Refereed Journal

Impact Factor: 5.2331

UGC Approved Journal No. 48514

Chief Editors

Dr. Ashok Yakkaldevi
Ecaterina Patrascu
Kamani Perera

Associate Editors

Dr. T. Manichander
Sanjeev Kumar Mishra



TEMPO VIVIDO: UMA (RE)CONSTRUÇÃO DO PASSADO

Ana Paula de Souza Oliveira¹ and Yoshiko Sasaki²

¹ Assistente Social e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

² Professora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

ABSTRACT:-

This article aims to make an argument about the time spent in order to establish the relationship between the past and memory. Through the work *Time & Narrative and Memory, History, Forgetting* by Paul Ricoeur discussed how the time spent and / or passed has proved fruitful in the debate surrounding the construction and representation of the past.

KEYWORDS: Lived time. Past. Memory.

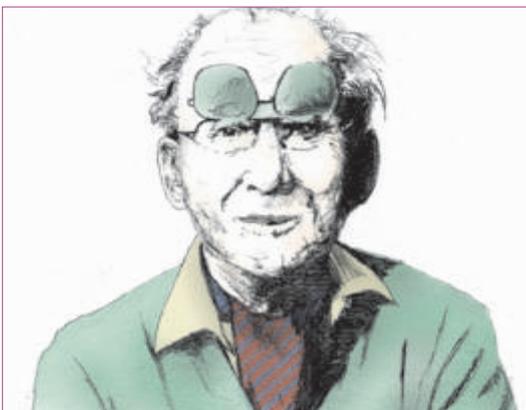
1. INTRODUÇÃO

Ao tratar sobre a questão do tempo vivido, o objetivo central do artigo é verificar a relação entre o passado e a memória, uma vez que ambas as categorias revelam temporalidades e estão presentes no discurso narrativo. Dessa forma, partiremos do pressuposto de que o passado é indissociável do tempo e sua construção ou reconstrução independe de uma única fonte para existir.

Diante disso, observa-se que o tempo possibilita ao passado não somente ser recontado, como também ser reinterpretado. O passado é trazido para o presente, reconstruído por meio de pistas, rastros e adquire sentidos diferentes, que variam dependendo do contexto social em que emerge dos sujeitos envolvidos no processo, e principalmente de quem o interpreta.

Dentro dessa perspectiva, a memória se constitui como uma evocação do passado. Nesse sentido ela legitima o acontecido, ou seja, vem presentificar o passado como ele de fato ocorreu. Cabe mencionar que ambos, passado e memória são representações de imagens evidenciadas na escrita ou na fala obtida por meio de levantamentos documentais e/ou relatos de histórias de vida etc.

É importante notar que o passado é a manifestação das vivências, ou seja, do tempo transcorrido. A (re)construção do passado nos permite estabelecer conexões em torno do tempo e da memória. Além disso, nos leva a pensar que só é possível interpretar e compreender de fato o passado mediante a utilização da hermenêutica, que deve ser entendida não somente como instrumento de interpretação do passado, mas como meio de entender o outro, uma vez que se abstém de preconceitos e dimensiona a visão de mundo dos sujeitos.



2. PAUL RICOEUR E O TEMPO VIVIDO: UMA (RE)CONSTRUÇÃO DO PASSADO

A primeira questão que se apresenta em torno da reconstrução do passado é que o tempo e a memória assumem as mesmas feições dentro do processo de reconstrução. Ambos se constituem como mecanismos necessários na apreensão da realidade pretérita, pois o passado só existe em função da noção

de tempo que é presentificado a partir da memória.

Ao longo da história, a temporalidade sempre se constituiu como uma discussão inconclusa por parte de alguns teóricos. Cabe mencionar que a abordagem do tempo em Ricoeur baseia-se, entre outros autores, nos pensamentos de Santo Agostinho, em especial os contidos em sua obra *Confissões*, e na obra *Poética*, de Aristóteles que tratam da relação entre tempo humano e o discurso narrativo.

Isso nos leva a fazer a mesma interrogação feita por Agostinho apud Ricoeur, (1994, p. 22): no que de fato consiste o tempo? Diante dessa interrogação sobre as condições e as possibilidades temporais intervêm, portanto, a reflexão acerca do caráter e a disposição do discurso narrativo nos diversos momentos da experiência e da ação dos indivíduos. Somente por meio das narrativas é possível compreender o sentido que tem a palavra, a temporalidade e a prática humana, sem se cair nos abismos do ceticismo e do imediatismo.

Ademais, somente Agostinho admite que se pode falar de tempo sem se valer de referências cosmológicas. Com isso o teórico afasta a ideia do tempo enquanto movimento de um só corpo. Nessa perspectiva, o tempo é um constante devir porque ele é contínuo. Além disso, admite que o tempo “deve ser pensando como transitório para ser vivido plenamente como transição”. (AGOSTINHO apud RICOEUR, 1994, p. 47)

É no primeiro volume da obra *Tempo e Narrativa* que a aporia da temporalidade é apreendida como conflito entre passado e futuro, por duas razões: o passado é visto como experiência, e o futuro como expectativa. As coisas passadas são confiadas à memória e a espera reservadas às coisas futuras.

Assim, a aporia agostiniana aponta para o sentido discordante da ação do tempo, pois rompe com os padrões lineares da cronologia. Isso porque Santo Agostinho entende que “não há um único contrário - acronia das leis ou dos modelos. Seu verdadeiro contrário é a própria temporalidade”. (RICOEUR, 1994, p. 55) Com isso, Agostinho quer assegurar a “descronologização” da narrativa.

Diante disso, queremos dizer que as manifestações culturais, individuais e coletivas não se constituem a partir de uma produção linear e tranquila de sentidos acumulados, mas surgem também de conflitos, de deslocamentos, de disfarces e de transferências. A relação entre o presente do intérprete e o passado da obra interpretada não se resume à mera relação de aceitação e de transmissão.

Ou seja, no processo interpretativo confrontam-se sempre dois mundos: o da obra e o do intérprete. A dinâmica da compreensão comporta ora o anulamento do intérprete em favor da obra, ora provoca o estranhamento do texto. Segundo Ricoeur, a obra nos interpela na sua estranheza, e não só nos tranquiliza naquilo que nela projetamos, mas também produz, graças ao confronto entre o mundo do intérprete e o mundo interpretado, uma transformação de ambos.

Para finalizarmos, em certo sentido, Ricoeur é mais pontual que Gadamer quando esse falava do reconhecimento da obra pelo intérprete. De acordo com Ricoeur, o processo hermenêutico desapropria duplamente o sujeito da interpretação: obriga-o a uma exegese primeira diante da alteridade da obra; e, num segundo momento, desaloja-o de sua identidade para abri-lo às novas possibilidades de habitar o mundo do texto.

Retornando à questão do tempo, diferente de Agostinho, Aristóteles não se limita as implicações temporais, uma vez que o tempo está subordinado às leis da Física e se constitui como um tempo mecânico. Seu ponto de partida é a composição da intriga, atividade mimética que consiste na imitação da ação e/ou no agenciamento dos fatos, mas do que a imitação de homens ou personagens. Na intriga é possível se observar um encadeamento causal de acontecimentos singulares. Portanto, “compôr a intriga já é fazer surgir o inteligível do acidental, o universal do singular, o necessário ou verossímil do episódio”. (RICOEUR, 1994, p. 70)

Frente a isso, percebemos a relação complexa entre temporalidade e a narrativa, porém é notório que o modo narrativo humaniza o tempo na medida em que este cria as condições de inteligibilidade do discurso narrativo. É na relação entre as três mimeses (Mimese I, Mimese II e Mimese III) que se constitui a mediação entre tempo e narrativa, ambos fazem a intermediação entre o mundo do vivido e mundo do texto.

A mimese I trata sobre o campo da pré-compreensão, da capacidade de identificar ações e suas mediações simbólicas e também da possibilidade de se narrar uma ação. É a partir da imitação ou representação da ação que podemos compreender o que ocorre de fato com a ação humana: com sua semântica, com sua

simbólica, com sua temporalidade. É sobre essa pré-compreensão, comum ao poeta e ao leitor, que se ergue a tessitura da intriga e, com ela, a mimética textual e literária (RICOEUR, 1994, p. 101). Já a mimese II se configura como o próprio agenciamento dos fatos que compreendem a ação, e tem como função ser a mediadora da intriga. A transição da mimese I para a mimese II corresponde à passagem do mundo da vida ao mundo texto. Por fim, a mimese III que marca a interseção entre o mundo do texto e do mundo do leitor, pois é no momento da leitura que a narrativa assume seu pleno poder, uma vez que completa o círculo mimético.

Pontuamos a tríplice mimese na tentativa de assinalar que a relação entre a obra e leitor, isto é, o mundo do texto e o mundo do leitor, é de fundamental importância para entendemos que não existe passado e tampouco história sem o ato da interpretação. Ricoeur evidencia que um texto lido, na medida em que diz algo para além de si, permite o partilhar de uma experiência além da linguagem. Dessa forma, torna-se vital a diferença entre sentido e referência, pois “o que um leitor recebe é não somente o sentido da obra, mas por meio de seu sentido, sua referência, ou seja, a experiência que ela faz chegar à linguagem e, em última análise, o mundo e sua temporalidade, que ela exhibe diante de si”. (RICOEUR, 1994, p. 120)

O tempo vivido, por sua vez, mostra-se irreversível, mas enquanto objeto da memória pode ser reconfigurado por meio das lembranças e dos acontecimentos vividos no passado. O tempo vivido deve ser entendido como o tempo da vida ou o tempo humano, em que o homem enquanto ser “não é isto ou aquilo, ele tem que ser; ele faz e vive”. Sua significância dar-se mediante a existência dos indivíduos no interior das sociedades. O vivido traz em si o próprio sentido da existência (HUISMAN, 2001, p. 101).

Dentro dessa perspectiva, o tempo só existe porque existe a condição humana. Nesse sentido, o tempo humano deve ser entendido como um tempo recontado em que se evidenciam as experiências do vivido e as vivências que permeiam o discurso narrativo da história. De acordo com Ricoeur (1994, p. 15), o “tempo torna-se humano na medida em que está articulado à narrativa, em compensação a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal”.

No que se refere ao conceito de vivência, Gadamer (2008, p. 110) é quem bem melhor trabalha esse conceito. Dentro do seu pensamento hermenêutico “partido do pensamento de Dilthey, o conceito de vivência possui 02 (dois) momentos, o panteísta e o positivista”. Gadamer se ocupa assim de uma posição intermediária entre a especulação e o empirismo. O conceito de vivência está ligado às configurações de sentido que vem ao encontro das ciências do espírito e são reconduzidas às unidades últimas do dado na consciência. A vivência está ligada a uma recordação do conteúdo semântico de uma experiência que se reveste de caráter. Dessa forma, a vivência pode ser considerada como algo inesquecível e insubstituível.

Isso nos remete ao pensamento de Heidegger em Ser e o Tempo, quando ele anuncia que o “tempo se revela como horizonte do ser” (HEIDEGGER apud GADAMER, 2008, p. 262), o ser se torna a raiz fundamental e a fonte de todas as coisas. Conforme salienta Ricoeur “é no tempo que os acontecimentos ocorrem”. (RICOEUR, 2007, p. 394) Desse modo, a perspectiva do teórico anuncia o divórcio entre a essência e a existência. Para ele o mundo e a existência não se deduzem da consciência.

Heidegger nos chama atenção para essa questão ao evidenciar a existência como:

[...] uma encarnação de nossa representação pré-existente do mundo, e não uma doação imediata pela consciência. Assim, o homem é para si mesmo sua própria luz. O vivido dá assim muito melhor conta da existência do que uma reflexão a seu respeito, em que se perde algo da existência, quando mais não seja sua intensidade. A existência não se pensa mais, portanto, a partir de categorias (essência/existência, natureza/cultura...). Está aí a originalidade fundamental do pensamento heideggeriano em relação a Husserl: a existência é uma hermenêutica, ou seja, uma interpretação de si mesma. (HUISMAN, 2000, p. 107)

De acordo com Gadamer (2008, p. 347), Heidegger redespertou a questão do ser, uma vez que imprimiu a maneira temporal de ser no mundo. Ou seja, a “realização da presença que é ser no mundo, antes de toda diferenciação da compreensão nas diversas direções do interesse pragmático e teórico, a compreensão é o modo de ser da presença, na medida em que é poder ser e possibilidade”.

Mas então o que caracteriza essa forma de compreender? A compreensão nessa visão é definida como

um constante projetar-se e que implica abstrair-se de “intuições repentinas e do hábito de pensar de maneira imperceptível”. (GADAMER, idem, p. 355).

Essa análise serve de ponto de partida para pensarmos a (re)construção do passado, uma vez que o próprio Heidegger aponta que só “fazemos história na medida em que nós mesmos somos ‘históricos’, isso significa que a historicidade da presença humana em toda a sua mobilidade do lembrar e do esquecer é a condição de possibilidade de atualização do passado em geral”. (GADAMER, idem, p. 350)

Por meio da hermenêutica, isto é, da prática interpretativa o passado pode ser reinterpretado ou reinventado, o que faz com que ele esteja sempre presente. Isso vem demonstrar que não existe uma única história, pois como coloca Oliva (apud Cícero, 2007), o passado que conhecemos pode daqui a um determinado lapso de tempo não ser mais o mesmo.

Dessa forma, o passado não deve ser visto como algo estático, como algo pronto e acabado, pelo contrário “ao se voltar para um texto elaborado em épocas anteriores, continua uma fusão de horizontes de quem interpreta e de quem é interpretado, reaviva-se o passado sob uma nova ótica” (GADAMER apud CÍCERO, 2007, p. 68). Ou ainda nos dizeres de Ricoeur, ocorre o encontro do mundo do texto e mundo leitor - a mimese III.

Segundo Gadamer, é nessa fusão de horizontes que quem interpreta não busca somente compreender a obra, mas conhecer o autor, o contexto em que escreveu, ou seja, a busca por conhecer o outro. É nessa dinâmica que a hermenêutica contribui para que o leitor extrapole as páginas, ultrapasse as dimensões da escrita e crie sua própria versão interpretativa a respeito da obra, sofrendo influências do seu contexto sociocultural e também da obra. Portanto, “uma interpretação não pode ser vista como acabada. Isso ocorre em virtude das peculiaridades culturais de cada sociedade, todo ser humano tem uma visão única de um mesmo acontecimento”. (GADAMER apud CÍCERO, 2007, p.68)

Paul Ricoeur em *A memória, a história, o esquecimento* (2007) aponta que a função da memória é legitimar o passado, na medida em que o passado é visto como uma possibilidade a partir do lembrar, isto é, da memória. A representação pretérita se constitui mediante a evocação do tempo vivido, que resgata lembranças, por meio da seleção e escolha do que deve ser lembrado e/ou esquecido.

Segundo Chauí, a memória não consiste num simples lembrar:

Mas revela uma das formas fundamentais de nossa existência, que é a relação tempo, e no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado. A memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo). (CHAUÍ, 2000, p. 164)

A presentificação do passado não nos remete apenas a acontecimentos vividos, pelo contrário, transporta o tempo e também o espaço, através dos rastros e pistas, sejam elas documentais ou não. As fontes, sejam escritas ou orais, são essenciais na reconstituição do passado real, são elas as verdadeiras provas. Dessa forma, o passado é trazido para o presente, (re)construído e/ou reinventado a partir do reordenamento das ideias, como peças de um grande quebra-cabeça cujo objetivo é chegar à realidade a partir de aproximações suscetíveis do fato ocorrido.

Dessa forma, é possível estabelecer uma relação entre passado e memória, tendo como marcador o tempo, pois, conforme aponta Ricoeur, a sobrevivência do passado depende não só da temporalidade como também da memória.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como percebemos, o tempo vivido constitui um parâmetro para se pensar o passado que tem na memória sua legitimidade. Assim, a memória evoca o tempo vivido para recontar o passado. No processo de (re)construção do passado as duas categorias assumem posições semelhantes.

Ao discutir a questão do passado a partir da relação do tempo e memória, buscamos mostrar que a herança do passado é importante para compreendermos o hoje, isto é, o presente, assim como para garantir a sobrevivência da história para não se cair no esquecimento. Além disso, mostramos que a temporalidade está presente no modo narrativo como instrumento necessário para realização do discurso narrativo. Portanto, é a

partir do passado reconhecido que podem surgir diferentes possibilidades de compreensão da realidade. Cabe mencionar que as obras Tempo & Narrativa e A memória, a história e o esquecimento foram importantes para abordagem da temática em questão e para evidenciar que a hermenêutica é mais que instrumento interpretativo, é um recurso indispensável para se pensar as múltiplas dimensões temporais e espaciais de uma obra.

Dessa forma, a reflexão acerca do passado a partir do tempo e da memória é relevante na medida em que mostrou as singularidades do pensamento ricoeuriano.

4. REFERÊNCIAS

- CÍCERO, Talita. A busca pelo entendimento. In: Revista Filosofia Ciência & Vida. nº. 10, ano 1. São Paulo: Escala, 2007.
- CESAR, Constança Marcondes (Org.). A hermenêutica francesa - Paul Ricoeur. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 2002, 152 p.
- CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2000.
- GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método I - Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. Flávio Paulo Meurer. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2008.
- GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método II - Complementos e índice. Trad. Enio Paulo Giachini. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2007.
- HUISMAN, Denis. História do Existencialismo. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. Tomo I. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas-SP: Papirus, 1994.
- _____. Tempo e narrativa. Tomo II. Trad. Marina Appenzeller. Campinas -SP: Papirus, 1995.
- _____. Tiempo y narracion. Vol. III. Campinas-SP: Papirus, 1995.
- _____. A memória, a história, o esquecimento. Trad. Alain François. Campinas-SP: UNICAMP, 2007.

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo fazer uma discussão acerca do tempo vivido, buscando estabelecer a relação entre o passado e a memória. Por meio da obra Tempo & Narrativa e A Memória, a História, o Esquecimento de Paul Ricoeur problematizaremos como o tempo vivido e/ou transcorrido tem se mostrado fecundo no debate em torno da construção e da representação do passado.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo vivido. Passado. Memória.



ANA PAULA DE SOUZA OLIVEIRA

Assistente Social da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestra e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM). Especialização em Serviço Social e Gestão em Políticas de Saúde (UFAM). Graduação em Serviço Social (UFAM). Vencedora do 1º lugar no eixo "Infância, Juventude e Envelhecimento no Congresso Nacional de Serviço Social em Saúde - CONASSS (2014)".



Dra. YOSHIKO SASSAKI

Doutora em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora titular da Universidade Federal do Amazonas e está em fase final do seu pós-doutoramento na Universidade de São Paulo. Orienta discentes dos Programas de Doutorado e Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) e Mestrado em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia (PPGSS) da UFAM. Tem experiência na área de Serviço Social, com ênfase em Serviço Social do Trabalho, atuando principalmente nos seguintes temas: família, políticas públicas, serviço social, agravos serviços de saúde idosos, trabalho - assistente social - saúde e trabalho seguridade social condições de vida.